

MALCOLM



Organização: George Breitman

Tradução e notas: Marilene Felinto

FALSA



11 APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Preta Ferreira

13 PREFÁCIO

George Breitman

DISCURSOS

21 Mensagem às bases

39 Uma declaração de independência

44 O voto ou a bala

71 A Revolução Negra

CARTAS DO EXTERIOR

90 Arábia Saudita, abril de 1964

92 Nigéria, maio de 1964

93 Gana, maio de 1964

APÓS A PRIMEIRA VIAGEM À ÁFRICA

99 O medo da “gangue do ódio” do Harlem

108 Apelo aos chefes de Estado africanos

126 No Salão Audubon

146 Com a senhora Fannie Lou Hamer

158 No Audubon

183 Para a juventude do Mississippi

193 Perspectivas de liberdade em 1965

204 Depois do atentado a bomba

227 Confronto com um “especialista”

ÚLTIMAS FALAS E ENTREVISTAS

247 Um vigarista?

247 Não tem medo de investigação

248 Sobre o racismo

250 Casamento inter-racial e um Estado negro

251 O homem que você pensa que é

251 Como organizar as pessoas

252 Dolarismo e capitalismo

253 O delegado de polícia

254 Nota pública para Rockwell

255 Sobre política

258 Donos de favelas e antissemitismo

261 Militantes brancos e negros

263 Conselho a um intrometido não violento

266 Sobre voltar para a África

268 Sobre o nacionalismo negro

270 O embaixador americano

271 O embaixador chinês vermelho

273 Natureza do confronto mundial vindouro

274 Relacionando o problema

276 Moïse Tshombe e Jesse James

276 Dois minutos sobre o Vietnã

277 O Congo, Cuba e a lei

278 O papel dos jovens

280 Trabalhando com outros grupos

282 Ações dignas de apoio

283 A escola John Brown

284 Sua própria boca, sua própria mente

287 **ÍNDICE DE NOMES**

297 **LISTA DE SIGLAS**

301 **SOBRE O AUTOR**

APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Malcolm não viveu a democracia com que tanto sonhou. Não lhe deram tempo nem chance de conhecê-la.

Recebeu violência. Somente violência. Viveu em seu próprio corpo a violência física e mental imposta aos corpos pretos. Usou a revolta como ferramenta, mecanismo de defesa e de ação para se manter vivo.

Malcolm escolheu não se render a nenhum sistema opressor. Ele era seu próprio líder. Não aceitou as imposições do homem branco. Questionou e combateu, pois sabia que a realidade dada não era a única opção. Queria que todos enxergassem a sutileza do racismo. Revolucionário, não se importava em ser chamado de homem preto raivoso, em ser reduzido à figura de incitador de violência contra brancos. Sua revolta vinha de antes. Ele sabia que pessoas pretas revolucionárias sempre seriam taxadas de perigo para a sociedade.

Inquieto e questionador, para Malcolm a teoria não bastava: acreditava que a mudança só nasceria da luta e da revolução. Seus estudos serviam para fortalecer suas concepções e reformular seus pensamentos e posicionamentos políticos. Queria viver o pensamento de que o povo preto pode fazer sua própria vida, queria tirar o poder das mãos do povo branco para que os negros assegurassem seu próprio espaço, mesmo que para isso fosse preciso usar a violência. Ele não aceitaria ser o negro da Casa Branca. Malcolm lutava pela libertação total do povo preto.

Vilão não é quem luta por liberdade, e sim quem oprime e tira a liberdade de outro indivíduo. Sendo assim, demônios brancos eram somente os praticantes do mal. Racismo. Tinha pensamentos complexos, flexíveis e elaborados. Pensava em usar para se defender a mesma violência que os racistas usam para oprimir o povo preto. Para

ele, a violência só deixaria de existir quando fosse partilhada. Isto é, os brancos só deixarão de usar a violência contra os pretos após conhecerem a mesma violência, até hoje imposta somente ao corpo preto.

Assassinado covardemente pela violência que tanto o perseguiu, foi silenciado pelo medo daqueles que a empregavam para se mantiverem no poder. Por aqueles que o consideravam um grande perigo.

O messias negro, liderando a revolução. Violência radical e revolucionária.

PRETA FERREIRA (Janice Ferreira Silva) nasceu em 1984, na Bahia. Ativista, escritora, cantora e atriz, mudou-se para São Paulo aos catorze anos, época em que começou a militar pelo Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), liderando depois, com seu irmão e sua mãe, a Frente de Luta por Moradia (FLM). É autora de *Minha carne: Diário de uma prisão* (Boitempo, 2021). Em 2019, recebeu o Prêmio Dandara, da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

PREFÁCIO

Malcolm Little nasceu em Omaha, Nebraska, em 19 de maio de 1925. Abandonou a escola aos 15 anos, foi condenado por roubo e preso aos 21. Na prisão, converteu-se à Nação do Islã (Muçulmanos Negros). Ao sair, em 1952, dedicou-se à formação dos Muçulmanos Negros e adotou o nome Malcolm X. Retirou-se desse movimento em março de 1964. Depois, dedicou-se a organizar primeiro a instituição Associação da Mesquita Muçulmana e, mais tarde, a Organização da Unidade Afro-Americana, instituição não religiosa. Viajou duas vezes à África e ao Oriente Médio em 1964. Três meses após retornar aos Estados Unidos, foi assassinado em Nova York, em 21 de fevereiro de 1965. Em *Autobiografia de Malcolm X*, ele próprio conta a história de sua vida.¹

Este livro é uma seleção de discursos de Malcolm X. Todos foram feitos durante seu último ano de vida – exceto o primeiro, de pouco antes de ele sair do movimento dos Muçulmanos Negros. Excetuando-se esse, os discursos cobrem desde sua declaração de independência, em 12 de março de 1964, até sua morte. O livro apresenta apenas uma pequena parte dos discursos e das entrevistas que ele proferiu nesse período nos Estados Unidos, na África, no Oriente Médio e na Europa. Não tem o propósito de tratar do assassinato de Malcolm.

O objetivo é apresentar, nas palavras do próprio Malcolm X, as principais ideias que expressou e defendeu durante seu último ano de vida. Sentimos que esse objetivo é amplamente cumprido pelos discursos e outros materiais aqui incluídos, ainda que não tenhamos tido acesso a todos os seus discursos. Convictos de que Malcolm será objeto de muito estudo e muitas controvérsias nos próximos anos – tanto por

¹ *The Autobiography of Malcolm X: As Told to Alex Haley*. New York: Grove Press, 1964 [ed. bras.: *Autobiografia de Malcolm X: com a colaboração de Alex Haley*, trad. A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1992]. [N.T.]

ativistas da luta pela liberdade negra quanto por historiadores, acadêmicos e estudantes –, acreditamos que o presente livro servirá como valiosa fonte de material para estudos e debates e que corrigirá, pelo menos parcialmente, alguns equívocos sobre um dos homens mais mal compreendidos e mal representados de nosso tempo.

Malcolm era principalmente um orador, não um escritor. Os únicos trechos deste livro escritos por ele são seu memorando para a Organização da Unidade Africana, no Cairo, e algumas cartas. Os discursos impressos não transmitem de maneira adequada suas notáveis qualidades de orador, o efeito de suas falas no público e a interação entre ele e os espectadores. Teríamos preferido publicar uma série de discos apresentando esse material em sua própria voz, com seus tons de indignação e raiva, suas risadas e as interrupções de aplausos e risos da plateia. (Contamos quase 150 interrupções por parte do público na gravação de um único discurso, “O voto ou a bala”.) Visto que não temos recursos nem tempo para publicar e distribuir tais gravações, e como o custo limitaria o número de pessoas que poderiam adquirir esse material, estamos fazendo a segunda melhor coisa.²

Ao editar as falas, fizemos apenas as mudanças que qualquer orador faria ao preparar seus discursos para impressão, as que acreditamos que Malcolm teria, ele mesmo, feito. Ou seja, corrigimos deslizes de linguagem e pequenos lapsos gramaticais que são inevitáveis na maioria dos discursos feitos de improviso ou a partir de anotações curtas. Como buscamos evitar repetições, comuns a palestrantes que falam com tanta frequência quanto Malcolm falava, omitimos trechos repetidos ou parafraseados em outros discursos aqui incluídos.

As introduções explicativas que acompanham os discursos têm como objetivo principal indicar onde e quando foram proferidos, com um mínimo de comentários interpretativos ou editoriais. O leitor deve ter em mente, ao longo do livro, que as ideias de Malcolm estavam se

desenvolvendo com rapidez e que certas posições que ele assumiu nos primeiros dois meses após romper com os Muçulmanos Negros passariam por mais mudanças nos últimos meses de sua vida.

GEORGE BREITMAN nasceu em Nova Jersey em 1916. Foi um dos membros fundadores do Socialist Workers Party [Partido socialista dos trabalhadores] estadunidense e editor do periódico *The Militant* e da editora Pathfinder, onde foi responsável por editar e organizar este livro em 1965, ano da morte de Malcolm X. Faleceu em 1986 em Nova York.

² Hoje, é possível encontrar algumas dessas gravações em plataformas on-line de áudio e vídeo. Para facilitar a busca, o nome com o qual elas estão disponíveis foi inserido logo abaixo do título do capítulo. [N.E.]

DISCURSOS

Mensagem às bases

MESSAGE TO THE GRASS ROOTS [DETROIT, 10 NOV. 1963]

No final de 1963, o Conselho de Direitos Humanos de Detroit anunciou um evento da Conferência da Liderança Negra do Norte, a ser realizado em Detroit em 9 e 10 de novembro. Quando o presidente do conselho, o pastor C. L. Franklin, procurou excluir da conferência nacionalistas negros e defensores do partido Freedom Now [Liberdade já], o pastor Albert B. Cleage Jr. renunciou ao conselho e, em colaboração com o Grupo de Liderança Avançada, organizou a Conferência de Base da Liderança Negra do Norte. Essa reunião foi realizada em Detroit, ao mesmo tempo que a mais conservadora dirigida pelo deputado Adam Clayton Powell, entre outros. A reunião de dois dias da Conferência de Base culminou com um grande comício público na Igreja Batista Rei Salomão, tendo o pastor Cleage, o jornalista William Worthy e Malcolm X como principais oradores. O público, quase todo negro e não muçulmano em sua grande maioria, interrompia Malcolm com aplausos e risos com tanta frequência que ele propôs encerrar o evento por causa do adiantado da hora.

Algumas semanas após a conferência, o presidente Kennedy foi assassinado, e Elijah Muhammad impôs silêncio a Malcolm X. Este é, portanto, um dos últimos discursos que Malcolm fez antes de deixar a organização de Muhammad. É o único exemplar de seus discursos como Muçulmano Negro¹ incluído neste livro. Mas não é um discurso típico dos Muçulmanos Negros. Embora Malcolm continuasse, no período anterior à ruptura, a introduzir certas declarações suas com a frase “o honorável Elijah Muhammad diz”, ele estava cada vez mais imprimindo sua própria marca especial às ideias dos Muçulmanos Negros, incluindo a ideia de separação. A tônica desta fala é consideravelmente

¹ *Black Muslim*, nome pelo qual eram conhecidos os membros da Nação do Islã. [N.E.]

diferente das anteriores de mesmo tipo incluídas no livro de Louis E. Lomax, *When the Word Is Given...* [Quando a palavra é dada...].

A seleção a seguir consiste em cerca de metade do discurso. A gravação em LP *Message to the Grassroots, by Malcolm X*, publicada pela Afro-American Broadcasting and Recording Company [Companhia afro-americana de radiodifusão e gravação], de Detroit, é muito superior ao texto escrito no que se refere a reproduzir o melhor do estilo e da personalidade de Malcolm quando falava para um público negro militante.

———— Queremos apenas ter uma conversa informal aqui, entre você e eu, entre nós. Queremos falar com os pés no chão, em uma linguagem que todos aqui possam entender facilmente. Todos concordamos esta noite, todos os oradores concordam, que a América tem um problema muito sério. Não só a América tem um problema muito sério, mas também nosso povo tem um problema muito sério. O problema da América somos nós. Nós somos o problema dela. A única razão pela qual ela tem um problema é que ela não nos quer aqui. E cada vez que você olha para si mesmo, seja você preto, marrom, vermelho ou amarelo, um assim chamado “negro”, você representa uma pessoa que impõe esse problema tão sério à América, por você não ser desejado. Quando você encarar isso como um fato, aí então pode começar a traçar um rumo que vai te fazer parecer inteligente, em vez de estúpido.

O que nós precisamos fazer é aprender a esquecer nossas diferenças. Quando estamos juntos, não estamos juntos como batistas ou metodistas. Vocês não vão viver num inferno por serem batistas, não vão viver num inferno por serem metodistas. Vocês não vão viver num inferno por serem metodistas ou batistas, nem vão viver num inferno por serem democratas ou republicanos, nem vão viver num inferno por serem maçons ou *elks*;² e com certeza não vão viver num inferno por serem americanos; porque, se vo-

2 *Elk* significa “alce”. Trata-se aqui de ser membro da ELK, Ordem Benevolente e Protetora dos Alces (Benevolent and Protective Order of

cês fossem americanos, vocês não viveriam num inferno. Vocês vivem num inferno por serem homens pretos. Vocês vivem num inferno, todos nós vivemos num inferno, pelo mesmo motivo.

Portanto, somos todos pretos, os chamados “negros”, cidadãos de segunda classe, ex-escravos. Você não é nada além de um ex-escravo. Você não gosta de que lhe digam isso. Mas o que mais você é? Vocês são ex-escravos. Você não chegou aqui no *Mayflower*.³ Você chegou aqui em um navio negreiro – acorrentado como um cavalo, uma vaca ou uma galinha. E você foi trazido para cá pelas pessoas que chegaram aqui no *Mayflower*, você foi trazido para cá pelos chamados “Peregrinos” ou “Pais Fundadores”. Foram eles que trouxeram você para cá.

Temos um inimigo em comum. Temos isto em comum: temos um opressor em comum, um explorador em comum e um discriminador em comum. Mas quando todos nós percebermos que temos um inimigo em comum, só então nós vamos nos unir – com base no que temos em comum. E o que temos em comum é, sobretudo, aquele inimigo – o homem branco. Ele é um inimigo para todos nós. Sei que alguns de vocês pensam que alguns deles não são inimigos. O tempo vai dizer.

Bandung,⁴ lá pelos idos de 1954, acho, foi o primeiro encontro de unidade das pessoas negras em séculos. E basta você estudar o que aconteceu na Conferência de Bandung, e os resultados da Conferência de Bandung, para ver como ela, na verdade, serve

Elks), associação fraternal estadunidense fundada em 1868, originalmente como um clube social na cidade de Nova York. [N.T.]

3 *Mayflower* é o nome do navio que, em 1620, transportou os primeiros peregrinos da Inglaterra para o Novo Mundo, a América, conhecidos como os peregrinos fundadores dos Estados Unidos. [N.T.]

4 A Conferência de Bandung, na Indonésia, ocorreu em 1955 e reuniu 29 países africanos e asiáticos para discutir propostas de cooperação e não agressão a fim de se fortalecerem durante o processo de descolonização. [N.T.]

de modelo para o procedimento que você e eu podemos adotar para resolver nossos problemas. Em Bandung, todas as nações se uniram, as nações escuras da África e da Ásia. Ali, alguns eram budistas, alguns eram muçulmanos, alguns eram cristãos, alguns eram confucionistas, alguns eram ateus. Apesar de suas diferenças religiosas, eles se uniram. Alguns eram comunistas, alguns eram socialistas, alguns eram capitalistas – e, apesar de suas diferenças econômicas e políticas, eles se uniram. Todos eram pretos, marrons, vermelhos ou amarelos.

Um único ser não teve permissão de comparecer à Conferência de Bandung: o homem branco. Ele não podia entrar. Depois de excluir o homem branco, os participantes descobriram que poderiam se unir. Uma vez que o mantiveram de fora, todos os outros logo compareceram, e compareceram em bloco. É isso o que você e eu temos que entender. E essas pessoas que se uniram não tinham armas nucleares, não tinham aviões a jato, não tinham todos os armamentos pesados que o homem branco tem. Mas elas tinham unidade.

Elas conseguiram enterrar suas pequenas diferenças mesquinhas e concordar em uma coisa: que ali um africano tinha vindo do Quênia e estava sendo colonizado pelos ingleses, e outro africano tinha vindo do Congo e estava sendo colonizado pelos belgas, e outro africano tinha vindo da Guiné e estava sendo colonizado pelos franceses, e outro tinha vindo de Angola e estava sendo colonizado pelos portugueses. Quando elas chegaram à Conferência de Bandung, olharam para o português, e para o francês, e para o inglês, e para o holandês, e descobriram ou perceberam a única coisa que todos tinham em comum – eles eram todos da Europa, eram todos europeus, loiros, de olhos azuis e pele branca. Elas começaram a identificar quem era o inimigo delas. O mesmo homem que estava colonizando nosso povo no Quênia estava colonizando nosso povo no Congo. O mesmo homem do Congo estava colonizando nosso povo na África do Sul, na Rodésia do Sul, na Birmânia, na Índia, no Afeganistão e no Paquistão. Concluíram que, em todo

o mundo, onde o homem escuro estava sendo oprimido, estava sendo oprimido pelo homem branco; onde o homem escuro estava sendo explorado, estava sendo explorado pelo homem branco. Então, se uniram com base nisto: tinham um inimigo em comum.

E quando você e eu, que despertamos hoje aqui em Detroit, em Michigan, na América, olhamos ao nosso redor, nós também percebemos que aqui na América temos um inimigo em comum, esteja ele na Geórgia ou em Michigan, esteja na Califórnia ou em Nova York. Ele é o mesmo homem – olhos azuis, cabelos loiros, pele pálida –, o mesmo homem. Então, o que temos que fazer é o que eles fizeram. Eles concordaram em parar de brigar entre si. Qualquer briguinta que tivessem resolveriam entre eles, manteriam em segredo – não deixemos o inimigo saber que temos desavenças.

Em vez de expor nossas diferenças em público, temos que compreender que somos todos a mesma família. E, quando você tem uma discórdia em família, você sabe que roupa suja se lava em casa. Se você sai para a rua brigando, todo mundo te chama de bruto, bronco, não civilizado, selvagem. Se a briga não começar em casa, você que a resolva dentro de casa; entre no armário, discuta a portas fechadas. E então, quando você sair para a rua, vai agir como alguém que faz parte de uma frente comum, uma frente unida. E é isso que precisamos fazer na comunidade, na cidade e no estado. Precisamos parar de expor nossas diferenças diante do homem branco, colocá-lo fora de nossas reuniões e, depois, sentar e negociar uns com os outros. Isso é o que temos que fazer.

Eu gostaria de fazer alguns comentários sobre a diferença entre a “Revolução Negra” e a “Revolução dos Negros”.⁵ Elas são

5 Malcolm X fazia uma distinção entre o que chamava de “Black Revolution” (Revolução Negra) e “Negro Revolution” (Revolução dos Negros). Esta última se referia à atuação dos grupos de militância negra que pregavam a não violência na luta pelos direitos civis, como era o caso daquele liderado por Martin Luther King Jr. (1929–68). A “Revolução Negra” implicava o conceito de revolução dos nacionalistas